

**BRAHMS
E SCHUBERT**

CCB

**ORQUESTRA
DE CÂMARA
PORTUGUESA E
EMILIO POMÀRICO**

13 DEZ 24



Emilio Pomàrico © DR

**ARTES
PERFORMATIVAS
E PENSAMENTO**

Temporada 2024/2025

Ciclo Sexta Maior – Orquestra
Pequeno Auditório
20h00
M/6

Programa

Johannes Brahms (1833–1897)

Serenata em Lá maior, op.16 (32')

Allegro moderato

Scherzo. Vivace

Adagio non troppo

Quasi menuetto

Rondo. Allegro

Franz Schubert (1797–1828)

Sinfonia n.º 5 em Si bemol maior, D.485 (30')

Allegro

Andante con moto

Menuetto. Allegro molto

Allegro vivace

Direção musical **Emilio Pomàrico**

Orquestra de Câmara Portuguesa

Coprodução **Centro Cultural de Belém, Orquestra de Câmara Portuguesa**



Johannes Brahms (1833–1897) tinha 25 anos e ocupava o lugar de diretor musical da pequena corte de Detmold, quando terminou, em fevereiro de 1859, a *Serenata n.º 2 em Lá maior*. Tal como a serenata anterior, foi escrita para a orquestra de câmara da corte, com a particularidade curiosa de não ter violinos nas cordas, de modo a dar total relevância aos sopros de madeira e metal. A estreia pública, sob direção do próprio Brahms com a Filarmónica de Hamburgo, ocorreu em fevereiro de 1860. A receção não foi unânime, com um artigo no periódico *Signale fur die musikalische Wel* a definir a op. 16 como um «produto eternamente hesitante entre querer e não poder, e sobretudo maçador», contraposta à opinião do grande crítico Hanslick, que viu no compositor «uma personalidade independente e original, uma natureza musical autêntica», em «plena maturidade». De facto, apesar da peça surgir num momento ainda jovem da longa carreira do compositor alemão, encontramos já alguns aspetos que serão recorrentes na linguagem de Brahms: o recurso ao contraponto, a sobreposição de padrões rítmicos duplos e triplos, ou a ampla deambulação harmónica — sobretudo no 1.º andamento *Allegro moderato*, escrito na forma sonata —, desvirtuando o carácter por princípio leve e divertido do género «serenata». Depois do 2.º andamento, um *Scherzo* vivo e sugestivo na sua dimensão de dança, Brahms introduz-nos num *Adagio non troppo* longo e soturno, com um contraponto intrincado e uma diversidade harmónica que, uma vez mais, defraudam o espírito ligeiro convencionado na «serenata». Também não é inocente o recurso ao esquema em passacaglia, uma forma de composição musical sobre um tema sucessivamente repetido e variado. A escolha deste processo, comum na música barroca, mas caído em desuso desde meados do séc. XVIII, revela mais um traço distintivo de Brahms, para quem a música do passado constituiu ao longo de toda carreira uma fonte de aprendizagem e inspiração recorrente. O quarto andamento, em compasso 6/4, é assumidamente um *quasi minueto* (assim mesmo designado) porque ao contrário de um típico *minueto* em três tempos, assume uma divisão binária, com frases irregulares e incursões por tonalidades menores que desarmam as expectativas da dança prometida. É no andamento final *Allegro Vivace* que o espírito da serenata entra, com júbilo, através de um rondó alegre, luminoso, com surpreendentes crescendos e secções contrastantes e dialogantes entre as madeiras, os metais e as cordas.

Conhecido sobretudo pela música para piano, música de câmara, e pelo *lied*, **Franz Schubert (1797–1828)** também explorou outros géneros vocais e orquestrais, como missas, óperas e sinfonias. A *Sinfonia n.º 5 em Si bemol*

maior foi escrita entre setembro e outubro de 1816, tinha o compositor apenas 19 anos. Aliás, praticamente metade das quase mil obras deixadas por Schubert foram, justamente, escritas entre 1814 e 1816, numa altura em que trabalhava como professor na escola do pai, e mantinha-se aluno de composição, duas vezes por semana, com Antonio Salieri.

Nascido no fervilhante ambiente musical de Viena, nota-se nas sinfonias de Schubert uma natural relação com os grandes protagonistas do Classicismo Vienense. As primeiras três seguem de perto a conceção que Haydn e Mozart apresentam na abordagem a este género — uma introdução lenta seguida de um *Allegro* em forma-sonata, um andamento lento, um *minueto* e um *finale* rápido e alegre. A *Sinfonia n.º 4* procura uma outra abordagem. Subintitulada «A trágica», pela tonalidade de Dó menor escolhida, a construção temática progressiva a partir de um tema unificador, e pela atmosfera de gravidade e agitação, apresenta inegáveis afinidades com a Quinta Sinfonia de Beethoven. Com efeito, Schubert confessara uma vez a um amigo: «Espero poder fazer algo por mim mesmo, mas quem pode fazer alguma coisa depois de Beethoven?» Com a *Sinfonia n.º 5 em Si bemol maior*, surpreendentemente, assistimos a uma inflexão em direção às qualidades distintivas de Schubert, tão bem representadas nos seus *lieder*. A introdução lenta é suprimida e a melodia entra de imediato, com uma graciosidade e ligeireza cativantes, sem comprometer a qualidade e a consistência do material temático que a partir daí é desenvolvido. Na linha das sinfonias anteriores, foi escrita para uma orquestra de pequena dimensão, de onde foram, neste caso, excluídos também os clarinetes, trompetes e timbales. Reduzido o efetivo instrumental, isso ajuda a subtrair qualquer apontamento de gravidade e pompa em favor de uma textura orquestral límpida e jovial. O tributo a Haydn e, sobretudo, a Mozart reaparece, com a citação de um dos temas da sua *Sonata para violino em Fá maior* (K. 377) e da *Sinfonia em Sol menor* (K. 550). Como grande parte das suas obras de maior fôlego, a *Sinfonia n.º 5* nunca chegou a ter estreia pública nem edição durante a curta vida de Schubert. Foi executada logo em outubro de 1816 em casa do amigo Otto Harwig, onde Schubert se juntava frequentemente com o seu violino a uma pequena orquestra semiprofissional. Depois, a partitura e as partes ficaram esquecidas durante décadas, até serem redescobertas em 1867 e finalmente editadas em 1885. Hoje, é difícil encontrar quem não conheça o tema luminoso e sedutor do *Allegro* da *Sinfonia n.º 5*, sem dúvida um dos temas que conquistou maior popularidade no universo da música sinfónica.

Isabel Novais

Emilio Pomàrico

Direção musical

Natural de Buenos Aires, o maestro e compositor italiano Emilio Pomàrico apresenta-se regularmente nos mais importantes festivais internacionais de música, bem como em importantes instituições de ópera e concerto por toda a Europa e fora dela. Considerado um dos principais intérpretes de música contemporânea, Emilio Pomàrico dedica grande parte da sua carreira à estreia de obras dos mais recentes nomes da música contemporânea. Construiu também laços profundos e duradouros com alguns dos maiores compositores do nosso tempo, dirigindo muitas estreias mundiais das suas obras. Entre estes incluem-se, para citar alguns, *Quodlibet* em Lisboa (1991), *Omnia Mutantur Nihil Interit* em Paris (1994) e *Musivus* em Lisboa (1996), os três de Emmanuel Nunes; todo o ciclo de *Caminantes* em Paris (1999), de Luigi Nono; a *Sinfonia Seraphin*, de Wolfgang Rihm, em Donaueschingen (2012); a ópera *Melancolia*, de Georg Friedrich Haas, na Ópera Garnier em Paris (2008), o seu *Concerto para Saxofone Barítono e Orquestra* em Colónia (2008), bem como *Ich suchte, aber ich fand ihn nicht* em Munique (2012). Depois de interpretar todo o ciclo de Brian Ferneyhough, *Carceri d'Invenzione*, em Genebra, Basileia e Paris (1996), Pomàrico estreou também *Finis Terrae* na Ópera Bastille de Paris (2012). Hans Zender confiou-lhe a estreia do seu

Logos Fragmente na Filarmónica de Berlim, gravado e editado pela WERGO (2013). Convidado pelo Teatro Colón da sua cidade natal, Buenos Aires, Emilio Pomàrico fez a primeira apresentação de sucesso para a América Latina de Coro (2014), de Luciano Berio. Ao longo da última década, Emilio Pomàrico trabalhou em estreita colaboração com o compositor Georges Aperghis, dirigindo várias das suas obras por toda a Europa.

Emilio Pomàrico está também fortemente envolvido em produções de ópera. Na Ruhrtriennale, por exemplo, dirigiu a HR-Sinfonieorchester em *Das Mädchen mit den Schwefelhölzern*, de Helmut Lachenmann, encenada por Robert Wilson (2013), bem como em *Nem*, de Morton Feldmann, encenada por Romeo Castellucci (2014). No ano seguinte, dirigiu a aclamada *Wozzeck* na Ópera de Dijon, com a Orquestra Sinfónica SWR Baden Baden&Freiburg (2015). No Wiener Festwochen, dirigiu o *Klangforum Wien* numa nova produção de *Lucie traditrici*, de Salvatore Sciarrino, encenada por Achim Freyer (2016). Estreou *Spectre of the Gardenia oder Der Tag wird kommen*, de Johannes Maria Staud, com o Ensemble Modern no Steirischer Herbst Festival em Graz (2016). A inaugurar o Festival Internacional de Música de Aix-en-Provence 2017, dirigiu uma estreia elogiada pela crítica da nova ópera *Pinóquio*, de Philippe Boesmans, encenada por

Joël Pommerat. A nova produção de *A viagem de inverno de Zender*, de Christian Spuck, sob a direção musical de Emilio Pomàrico, foi também muito aclamada na Ópera de Zurique (2018). No outono de 2019, Emilio Pomàrico dirigiu a Orquestra Filarmónica da Radio France na estreia de *L'inondation*, de Francesco Filidei, encenada por Joël Pommerat, na Opéra Comique de Paris. Em 2020, estreou *Les Châtiments*, de Brice Pauset, na Ópera de Dijon. Em 2021, estreou a aclamada nova ópera de Bernhard Lang, *Playing Trump*, na Ópera de Hamburgo, e, em 2022, dirigiu uma nova produção de *Julie*, de Philippe Boesmans, na Ópera de Nancy e na Ópera de Dijon. No Wienerfestwochen 2021, Emilio Pomàrico dirigiu a nova produção de *A Canção da Terra*, de Mahler, encenada por Philippe Quesne, que repetiu em 2022 na Ópera de Dijon e no Festival d'Automne no Teatro Châtelet em Paris. O maestro dirigiu ainda a Orquestra Sinfónica de Lyon, a Orquestra Sinfónica SWR, a Orquestra Sinfónica de Tóquio, bem como o Musikfabrik Ensemble e o Collegium Novum Zürich.

Uma rica discografia de criações dirigidas por Emilio Pomàrico é editada pela Kairos, Neos, Wergo, ECM, AEOM, Col Legno.

Um CD com composições suas é também editado pela Zeitklang.

Orquestra de Câmara Portuguesa

A Orquestra de Câmara Portuguesa (OCP) foi fundada por Pedro Carneiro (diretor artístico), Teresa Simas, Alexandre Dias e José Augusto Carneiro, em 2007, criando espaço a novos solistas e maestros, trabalhando com criadores de renome; Emmanuel Nunes, Sofia Gubaidulina, Miguel Azguime; Jorge Moyano, Cristina Ortiz, Sergio Tiempo, Gary Hoffman, Filipe Pinto-Ribeiro, Carlos Alves, Heinrich Schiff, António Rosado, Artur Pizarro, Tatiana Samouil, entre outros. Internacionalizou-se em 2010 no City of London Festival. Tem atuado por todo o país, no Centro Cultural de Belém, Casa da Música, Cisternmúsica, o Festival Internacional da Póvoa do Varzim, o Festival das Artes (Coimbra), Festival ao Largo, Festival de Marvão, entre outros.

É apoiada pela Direção-Geral das Artes desde 2012, tendo como parceiros institucionais os municípios de Lisboa e Oeiras. Integrou o grupo para as Necessidades Especiais na Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (GT-NECTES) com a missão de aconselhar o Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior na definição de estratégias que promovam o acesso e inclusão de cidadãos com necessidades especiais no ensino superior. A consultora Everis Portugal elaborou um plano estratégico e gestão de benchmarking, acompanhando a OCP desde então como consultora pro bono, pelo ímpeto de António

Brandão Vasconcelos (1959–2022). A ação da OCP projeta-se também através de projetos de cidadania inclusiva originais como o «Notas de Contacto – a OCPsolidária na Cercioeiras»; «Orquestra dos Navegadores – a OCPsolidária no Bairro dos Navegadores», «Sementes OCP», no Centro Social ó de Maio e na APAC de Barcelos. Refira-se ainda, a OCPdois dedicada ao encontro de mundos de músicos profissionais e de bandas filarmónicas, e outros músicos amadores (a OCP criou a Orquestra Académica da Universidade de Lisboa). Em 2010, lançou a Jovem Orquestra Portuguesa, representante de Portugal na Federação Europeia de Jovens Orquestras Nacionais, que se destaca pelas internacionalizações no Ateneu de Bucareste e na Konzerthaus de Berlim (Festival Young Euro Classic).

Orquestra de Câmara Portuguesa

Flautas

Rui Borges Maia

Hélio Santos

Rui Marques

Oboés

Pedro Pais Capelão

David Costa

Clarinetes

Miguel Costa

Ana Maria Santos

Fagotes

Ricardo Santos

Tiago Martins

Trompas

Pedro Pereira

Armando Martins

Violinos I

Adrian Florescu

Sofia Ruivo

Amélia Pack

André Reis

Mariana Moita

Maria Francisca Azevedo

Violinos II

Frederico Lourenço

Leonardo Martins

Rodrigo Teófilo

Filomena Andrade

Beatriz Morais

Cristiana Herculano

Violas

Nelson Cruzeiro

Milan Radocaj

Teresa Caleiro

Violoncelos

Kirill Kalmykov

Tiago Azevedo e Silva

Vasco Ferrão

Contrabaixos

Nuno Coroadó

Vanessa Lima

Ficha Institucional OCP

Direção artística

Pedro Carneiro

Direção de planeamento artístico
e projetos sociais

Teresa Simas

Direção executiva

Alexandre Dias

Consultoria

José Augusto Carneiro

Produção

Vera Lagoa, Fernanda Barroso

Design

Daniela Alves

Equidade, diversidade e inclusão

Margarida Marques

Backoffice

Madalena Branco

Fotografia

Bruno Vicente

∞ ORQUESTRA DE CÂMARA PORTUGUESA

PARCEIROS INSTITUCIONAIS



REPÚBLICA
PORTUGUESA

dgARTES
DIREÇÃO-GERAL
DAS ARTES

SÃO
LUIZ
Município de Oeiras
EGEAC



OEIRAS VALLEY
MUNICÍPIO DE Oeiras



OEIRAS
CULTURA

Câmara Municipal
de Oeiras

LISBOA
CÂMARA MUNICIPAL

PARCEIROS SOCIAIS



OEIRAS VALLEY

CLS
Contratos Locais
de Segurança



fundação
ageas



SAMSUNG

PARCEIROS JOP



DUDAMEL
FOUNDATION



fundação
GDA



OEIRAS
EDUCA +

med
in8



SÃO
LUIZ
Município de Oeiras
EGEAC



YOUNG
EURO
CLASSIC



IELTS
Registration Centre



Fundação "la Caixa"



Comissão Municipal
de Cultura, Juventude e Juventude
Associativa

ESMAE
PORTO

ARTAVE
Associação de Artistas e Técnicos de Artes do Espetáculo

SFH
Associação de Fãs da Futebol Clube de Oeiras

caso da música

Palmeiras
conquista

GOVERNO
DOS AÇORES

Cultura

PARCEIROS DE SETOR



dominios-pt

Quinta do
Monte d'Oiro

gestix

eurayouth

PARCEIROS MEDIA

ANTENA 2

Bto
marketing & comunicação

TEAM LEWIS

Packs Natal CCB

CCB presente
todos os dias

**Ofereça
com desconto!**

Comprando em pack,
poupa 20%
em cada produto.



JÁ A SEGUIR

24 JAN 2025 – CICLO SEXTA MAIOR – MÚSICA BARROCA

**VIAGEM PELO BARROCO EUROPEU
AVRES SERVA**

Este concerto pretende realizar uma curta viagem pela música dos séculos XVII e XVIII na Europa. Para além de algumas obras instrumentais, o programa é preenchido com música vocal, escrita especificamente para a voz de tenor. Trata-se de repertório raro, tendo em conta que grande parte desta música era escrita para as vozes de soprano e contralto, ou para baixo, mas em muito menor quantidade. O baixo contínuo tem a particularidade de incluir o fagote, instrumento que os próprios compositores mencionam como obrigatório em muitos dos seus manuscritos.

Sexta, 20h00

Sala Luís de Freitas Branco

M/6

APOIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA PARA
A TEMPORADA 2025-2026



APOIO MEDIA

